

# 'Distribuidoras' de energia solar já abastecem dois milhões de clientes

BRUNO ROSA  
bruno.rosa@globo.com.br

Em vários bairros do Rio, uma empresa de energia anuncia conta de luz até 20% mais barata que a da concessionária local, a Light, que até agora era a única opção de consumidores residenciais e pequenos estabelecimentos. Essa estratégia de marketing também é visível em outras cidades e estados, como Minas e São Paulo, onde cresce o número de companhias que se apresentam como alternativa a quem quer escapar do alto custo da energia por meio da geração solar distribuída.

A modalidade, em alta, é chamada popularmente de aluguel de energia solar e envolve empresas de geração distribuída, donas das chamadas fazendas solares, que geram eletricidade a partir de placas fotovoltaicas em terrenos. Segundo a associação de empresas do setor, há mais de cem companhias com esse serviço, que foi impulsionado pelas mudanças regulatórias da Lei 14.300, de 2022, e já atraiu 2,3 milhões de consumidores residenciais e comerciais.

A legislação permitiu que as empresas de geração distribuída que entraram com pedido de acesso às redes das concessionárias até janeiro de 2023 tenham isenção total de encargos setoriais e de custos como os relacionados ao transporte de energia até o fim de 2045. Além disso, a nova lei passou a permitir que essas companhias de geração distribuída possam receber a titularidade das contas de energia de qualquer consumidor na área controlada pelas concessionárias, o chamado mercado cativo.

Na prática, essas empresas constroem uma fazenda solar, transferem a energia gerada com o sol para a rede da concessionária e recebem de volta o equivalente em créditos. A partir disso, conseguem transferir o valor desses créditos para os clientes residenciais, que passam a fazer parte de uma espécie de "condomínio" em torno da fazenda solar, num sistema de compensação. E, como não há a incidência de tarifas de rede e encargos setoriais para essa energia, a "distribuidora" solar acaba sendo, em média, 20% mais barata que a concessionária, que repassa aos consumidores as taxas do setor elétrico.

**DOIS BOLETOS**

Quem adere tem as vantagens da geração solar sem instalar placa no telhado. Mas, mesmo integrando o "condomínio" de uma fazenda solar, segue cliente da concessionária. Passa a ter duas contas: uma da distribuidora local, como Light ou Enel no Rio, pagando o valor mínimo, e outra da firma de geração distribuída.

— Com a lei, estamos indo além de placas solares nos telhados das casas, que têm investimento alto. A legislação fez aparecer novos modelos de negócio como o de assinatura de energia solar. As companhias de geração distribuída passaram a ter segurança jurídica com a lei, que permitiu a manutenção dos subsídios até 2045. É, alguns estados, para atrair investimentos solares, passaram a dar incentivos de ICMS — diz Carlos Evangelista, presidente-executivo da Associação Brasileira de Geração Distribuída (ABGD).

O crescimento da modalidade entrou na mira do Tribunal de Contas da União (TCU), que em 18 de março determi-

**ENTENDA O QUE OFERECEM**

Companhias investem em fazendas solares e ganham espaço como alternativa às distribuidoras de energia

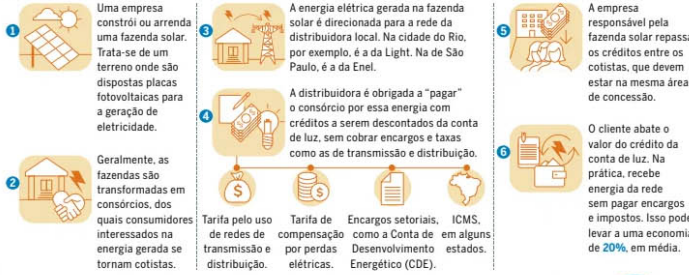
É o número de residências e pequenos negócios que já aderiram à assinatura de energia solar. **2,3 MILHÕES**

É a potência máxima autorizada para uma fazenda solar. **3 MW**

Uma usina de **1 MW** pode produzir entre **144.000** e **180.000 kWh** POR MÊS

Isso poderia abastecer entre **720** e **900** residências, com um consumo médio de **200 kWh** por cliente.

**COMO FUNCIONA?**



É o prazo de vigência das isenções tarifárias para a geração de fazendas solares cujos pedidos de instalação foram protocolados até 2023, caso de **90%** dos projetos em construção.

**OS INVESTIMENTOS EM GERAÇÃO DISTRIBUÍDA NO PAÍS VÃO CRESCER NESTE ANO**



Fontes: ABGD, Anel. \*Projeção

# NOVO MODELO DE CONTA DE LUZ

## Com incentivos, empresas criam 'condomínios' de energia solar e atraem 2 milhões de clientes



Alívio no bolso. Insatisfeito com reajustes, Raul Zenha aderiu à opção solar

na abertura de investigação depois de a Unidade de Auditoria Especializada em Energia Elétrica e Nuclear (AudE-Elétrica) protocolar representação na Agência Nacional de Energia Elétrica (Anel) pedindo aprimoramento na regulação, sob a alegação de que as empresas de geração solar apresentam "característica análoga a uma comercialização dentro do mercado cativo".

Mas, para especialistas e agentes do setor, esse tipo de serviço deve crescer. Isso porque desde 2021, quando a nova legislação era debatida no Congresso, empresas correram para finalizar projetos solares a tempo de garantir os subsídios até 2045. No ano passado, foram R\$ 116 bilhões em investimentos em

geração distribuída no país. Neste ano, serão R\$ 163 bilhões, prevê a ABGD. Executivos do setor ouvidos pelo GLOBO, estimam que 90% dos projetos solares previstos para os próximos anos tenham benefícios tarifários.

**EXPANSÃO ACELERADA**

A ForGreen, com fazendas solares no Sul e no Sudeste, investirá de R\$ 700 milhões a R\$ 800 milhões na expansão para Centro-Oeste e Nordeste, conta Antônio Terra, fundador da empresa. A ampliação é necessária porque cada fazenda solar só pode oferecer o aluguel dentro da área de concessão onde está instalada.

— Temos mais de 1.500 clientes em Minas, onde há mais de 30 empresas de alu-

guel solar — diz o empresário. Também em Minas Gerais, a CMU Energia arrenda fazendas solares para oferecer energia elétrica a 135 mil consumidores, entre pessoas físicas e pequeno varejo. Vai expandir para Espírito Santo e Bahia. — Vamos investir R\$ 800 milhões e dobrar a capacidade até 2025 — diz Walter Fróes, presidente da companhia.

No Rio, quem acabou de chegar às 31 cidades da concessão da Light foi a Luz, do Grupo Delta. Para abastecer clientes do Rio, a empresa conta com uma fazenda solar no distrito de Getulândia, em Rio Claro (RJ), que se soma às outras 20 que mantém em vários estados, como São Paulo e Mato Grosso do Sul, para oferecer energia em 700 municípios.

Segundo Rafael Maia, CEO da Luz, 40% dos clientes vêm por indicação de outros:

— Depois que o cliente faz a adesão, a gente faz a gestão do serviço. Ele continua com o contador da Light, mas instalamos um nosso também. Os planos podem variar, de três a cinco anos. Se faltar luz, nosso sistema já detecta e abre um chamado na Light, mas o cliente pode entrar em contato com as duas companhias.

**ECONOMIA ATRAI**

Há duas semanas, a Anel aprovou reajuste anual de 4,05% na tarifa da Light para consumidores residenciais. Morador de Botafogo, na Zona Sul do Rio, na área da concessionária, o economista Raul Zenha decidiu experimentar o serviço da Luz para amenizar o peso da energia no bolso:

— Acho a energia cara e tem peso significativo no meu orçamento doméstico. Espero economizar o equivalente a uma conta mensal por ano.

Do outro lado, Ricardo Brandão, diretor de Regulação da Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica (Abradee), vê com preocupação o crescimento desordenado dessa concorrência às concessionárias. Para ele, quem não está na geração distribuída é onerado sem acesso aos seus subsídios, que somaram R\$ 7,1 bilhões em 2023. Os encargos só recaem sobre os consumidores da concessionária. Segundo a entidade, o peso da geração distribuída no custo das distribuidoras de energia passou de 0,18% em 2022 para o recorde de 3,19% no ano passado. Brandão acredita que esse impacto vai crescer com a expansão dos projetos solares e lembra que as concessionárias compram energia em leilões com base em projeção de demanda. Para fazer frente à nova concorrência, algumas distribuidoras como Cemig e EDP estão criando braços de geração solar distribuída.

— São distorções que não são sustentáveis. A energia sustentável precisa ser justa. Se todo mundo entrar em uma fazenda solar, quem paga pelos encargos sociais? — questiona o diretor da Abradee. — Há uma espécie de corrida do ouro pela geração distribuída. É preciso pensar na segurança do sistema. Quem vai arcar com os investimentos em hidrelétricas e térmicas, que garantem energia quando não há sol ou vento?

ESTÓRIA DE ARTE

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 19